



**ESTADO DE RORAIMA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA – UERR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPEI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS – PPGEC**

GUIA DIDÁTICO

**O USO DO MÉTODO DAVIS PARA ALUNOS DISLEXICOS NO
ENSINO FUNDAMENTAL COM APORTE NA TEORIA DA
APRENDIZAGEM DE AUSUBEL**

Jessik Karem Custódio Pereira

Professora Orientadora: Josimara Cristina de Carvalho Oliveira

Boa Vista/RR

2018



Copyright © 2018 by Jessik Karem Custódio Pereira

Todos os direitos reservados. Está autorizada a reprodução total ou parcial deste trabalho, desde que seja informada a **fonte**.

Universidade Estadual de Roraima – UERR
Coordenação do Sistema de Bibliotecas
Multiteca Central
Rua Sete de Setembro, 231 Bloco – F Bairro Canarinho
CEP: 69.306-530 Boa Vista - RR
Telefone: (95) 2121.0945
E-mail: biblioteca@uerr.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436g PEREIRA, Jessik Karem Custódio.
Guia didático: o uso do método Davis para alunos disléxicos no ensino fundamental com aporte na teoria da aprendizagem de Ausubel. / Jessik Karem Custódio Pereira. – Boa Vista (RR): UERR, 2018.
54 f.: il. Color. 30 cm.

Guia didático que acompanha a Dissertação: O uso do método Davis em aluno disléxico do 5º ano do ensino fundamental com aporte na teoria da aprendizagem de Ausubel, apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Roraima - UERR, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências, sob a orientação da Prof.^a. D. Sc. Josimara Cristina de Carvalho Oliveira.

1. Educação especial 2. Dificuldades de aprendizagem 3. Ensino de Ciências I. Oliveira, Josimara Cristina de Carvalho (orient.) II. Universidade Estadual de Roraima – UERR III. Título

UERR.Dis.Mes.Ens.Cie.2018.22.1

CDD – 372.302 (19. ed.)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Sônia Raimunda de Freitas Gaspar – CRB 11/273 – RR

Boa Vista/RR

2018



APRESENTAÇÃO

Caro/a leitor,
Seja Bem-Vindo/a!

Este Guia traz algumas informações úteis a você, que busca soluções educativas para assuntos cada vez mais atuais. Leia-o com atenção a fim de organizar seu tempo diante das atividades de leitura, exercícios e demais atividades avaliativas deste material.

Aqui, você encontrará dados de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Roraima (PPGEC/UERR), as informações subsidiarão a sua prática profissional bem como poderá trazer benefícios para sua própria maneira de aprender. Se houver dúvidas, é só entrar em contato. Boa Leitura!

Atenciosamente,

Prof.^a Jessik Custódio Pereira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM	6
2.1 A dislexia	9
3 APLICAÇÃO DO MÉTODO DAVIS COM CONTEUDO DE CIÊNCIAS	11
4 PRIMEIRA ETAPA: DIAGNÓSTICO	12
5 SEGUNDA ETAPA: AVALIAÇÃO DA HABILIDADE PERCEPTIVA	15
6 TERCEIRA ETAPA: PROCEDIMENTO DE ORIENTAÇÃO	21
7 QUARTA ETAPA: PROCEDIMENTO DE SINTONIA FINA	43
8 QUINTA ETAPA: PROCEDIMENTO DE DOMÍNIO DOS SÍMBOLOS BÁSICOS	46
9 SEXTA ETAPA: APLICAÇÃO DE ATIVIDADE PARA VERIFICAÇÃO DE OCORRÊNCIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
OBRAS CONSULTADAS	49
APÊNDICE	50

1 INTRODUÇÃO

O material proposto neste manual trata-se de um guia didático com a finalidade de auxiliar professores e alunos da rede básica, no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos escolares. Este material constitui o objeto de estudo do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Roraima e foi desenvolvido pela professora Jessik Custódio Pereira sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Josimara Cristina de Carvalho Oliveira.

Considerando que a pesquisa se fundamenta na Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel (TAS), o referencial teórico deste guia didático foi organizado nos seguintes capítulos:

Capítulo 1- Transtornos de Aprendizagem

Capítulo 2- Aplicação do Método Davis com conteúdo de Ciências

Capítulo 3- Primeira Etapa: Diagnóstico

Capítulo 4- Segunda Etapa: Avaliação da Habilidade Perceptiva

Capítulo 5- Terceira Etapa: Processo Davis de Orientação

Capítulo 6- Quarta Etapa: Procedimento de Sintonia Fina

Capítulo 7- Quinta Etapa: Procedimento de Domínio dos Símbolos Básicos

Capítulo 8- Sexta Etapa: Aplicação de Atividade com conteúdo de ciências para verificação de ocorrência da aprendizagem significativa.

Este guia pode servir de recurso aos professores que atuam nas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), no estado de Roraima e em outras regiões brasileiras, tornando este espaço adequado para atender alunos que apresentem Dificuldades de Aprendizagem Específica de Dislexia, que façam parte desta comunidade escolar, devendo é claro ser considerando o planejamento pedagógico da escola. Há ainda a possibilidade de professores de salas de aula comum se apropriarem do material para fortalecer o ensino de conteúdos de ciências aos seus alunos que apresentem dificuldades de aprendizagem, melhorando as relações de ensino e aprendizagem de professores e alunos que buscam elevar os níveis da qualidade educacional ofertados atualmente nas escolas, mas de modo algum é objetivo deste material substituir ou até mesmo anular a validade ou existência de qualquer outro instrumento já disponível.

O guia didático está sendo apresentado de forma impressa e digitalizado ficando à disposição PPGEC - UERR (Programa de Pós Graduação em Ensino de

Ciências da Universidade Estadual de Roraima) e também será disponibilizado para as Escolas da Rede Municipal do Município de Alto Alegre/RR, e demais instituições que assim o desejarem, para conhecimento e uso nas aulas de Ciências.

2 TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

A busca por responder o que difere o homem dos demais seres vivos do universo é histórica e milenar, Hermeto e Martins (2012) admitem que “de todos os animais, o homem possui o menor número de reações inatas, fixas e invariáveis”, este pensamento nos remete ao fato de encontrarmos no homem a característica de aprendizagem como fator de sua própria evolução e/ou desenvolvimento.

Campos (2014, p.15) afirma ainda que “A aprendizagem é um processo tão importante para o sucesso da sobrevivência do homem que foram organizados meios educacionais e escolas para tornarem a aprendizagem mais eficiente”. Assim a educação e seus modelos são essenciais para a construção da convivência em sociedade e todos os que a compõem fazem parte de forma direta ou indireta da mesma.

Logo a aprendizagem se tornou tema de interesse de vários campos de pesquisa, que buscam conceituá-la da melhor maneira possível, mas o que nos interessa neste trabalho é apresentar as dificuldades que comumente se apresentam àqueles indivíduos que aparentemente não possuem limitações que o impossibilite de aprender, são os chamados Transtornos de Aprendizagem Específico (TAE). O Manual Diagnóstico e Estatístico de Saúde Mental 5 (DSM-V) (2014, p.68) conceitua-o como aquele que advém do neurodesenvolvimento, pois a sua apresentação se dá em nível cognitivo e comportamental, incluindo interações multifatoriais como a genética, epigenéticas e ambientais, “que influenciam a capacidade do cérebro em perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão.”

As dificuldades de aprendizagem comumente são relacionadas a situações traumáticas que desencadeiam mudanças de comportamento como a desatenção, a falta de interesse e etc. Essa incapacidade de aprender é vista ainda conforme aponta Souza e Souza (2010) como um assunto não muito importante na formação educacional, mas essa criança que apresenta dificuldade de aprendizagem e que muitas vezes é taxada como desatenta também apresenta frustração e sente-se incomodada por não conseguir acompanhar os conteúdos ofertados em sala de aula.

Coll, Marchesi e Palácios (2004) afirmam que por diversas vezes ouve-se tanto professores quanto pais de alunos falarem que determinado aluno não está

preparado ou que apresenta uma espécie de atraso na maturação e que isto está a prejudicar este ou aquele tipo de aprendizagem, mas esse tipo de afirmação desperta questionamentos a fim de entender o significado de maturação e se esse atraso é o fator implicador nas dificuldades de aprendizagem.

Descrito no DSM V (2014) como TEA, as dificuldades de aprendizagem são aquelas que tendem a limitar as habilidades acadêmicas apresentando algumas das seguintes características:

A. Conforme indicado pela presença de ao menos um dos sintomas a seguir que tenha persistido por pelo menos seis meses, apesar da provisão de intervenções dirigidas a essas dificuldades:

1. Leitura de palavras de forma imprecisa ou lenta e com esforço (p. ex., lê palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta ou lenta e hesitante, frequentemente adivinha palavras, tem dificuldade de soletrá-las).
2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido (p. ex., pode ler o texto com precisão, mas não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido).
3. Dificuldades para ortografar (ou escrever ortograficamente) (p. ex., pode adicionar, omitir ou substituir vogais e consoantes).
4. Dificuldades com a expressão escrita (p. ex., comete múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprega organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza).
5. Dificuldades para dominar o senso numérico, fatos numéricos ou cálculo (p. ex., entende números, sua magnitude e relações de forma insatisfatória; conta com os dedos para adicionar números de um dígito em vez de lembrar o fato aritmético, como fazem os colegas; perde-se no meio de cálculos aritméticos e pode trocar as operações).
6. Dificuldades no raciocínio (p. ex., tem grave dificuldade em aplicar conceitos, fatos ou operações matemáticas para solucionar problemas quantitativos).

B. As habilidades acadêmicas afetadas estão substancial e quantitativamente abaixo do esperado para a idade cronológica do indivíduo, causando interferência significativa no desempenho acadêmico ou profissional ou nas atividades cotidianas, confirmada por meio de medidas de desempenho padronizadas administradas individualmente e por avaliação clínica abrangente.

Para indivíduos com 17 anos ou mais, história documentada das dificuldades de aprendizagem com prejuízo pode ser substituída por uma avaliação padronizada.

C. As dificuldades de aprendizagem iniciam-se durante os anos escolares, mas podem não se manifestar completamente até que as exigências pelas habilidades acadêmicas afetadas excedam as capacidades limitadas do indivíduo (p. ex., em testes cronometrados, em leitura ou escrita de textos complexos longos e com prazo curto, em alta sobrecarga de exigências acadêmicas).

D. As dificuldades de aprendizagem não podem ser explicadas por deficiências intelectuais, acuidade visual ou auditiva não corrigida, outros transtornos mentais ou neurológicos, adversidade psicossocial, falta de proficiência na língua de instrução acadêmica ou instrução educacional inadequada.

Nota: Os quatro critérios diagnósticos devem ser preenchidos com base em uma síntese clínica da história do indivíduo (do desenvolvimento, médico, familiar, educacional), em relatórios escolares e em avaliação psicoeducacional.

As dificuldades podem ser categorizadas em generalizadas, em graves e em permanentes segundo Coll, Marchesi e Palácios (2004) o que equivale a classificação dada pelo DSM V conforme já mencionado, esclarecem ainda que há momentos em que as dificuldades de aprendizagem também podem ser inespecíficas, uma vez que não há causa aparente para a não aquisição de determinado conhecimento, podendo inclusive ser fator causal desta última gerando problemas de instrução e/ou ambiental que afetam a motivação de cada indivíduo.

As Dificuldades de Aprendizagem possuem uma classificação que permeiam os problemas de comunicação, de fala e de linguagem, sendo que as mais encontradas são: Dislexia, Disortografia e Discalculia segundo Souza e Souza (2010). Quando constatado que a dificuldade tem como fator gerador os aspectos emocionais e de aspecto cognitivo, é necessário buscar apoio especializado a fim de melhor tratá-lo.

As dificuldades de aprendizagem são mais facilmente percebidas no ambiente escolar, uma vez que o(s) professor(es) propõe(m) atividades diversas capazes de estimular a aprendizagem desse indivíduo e sua relação com o mesmo se difere da relação pai-filho que a criança vivencia em sua casa. Apesar dessas dificuldades serem percebidas com maior facilidade no espaço escolar, ao ser repassada aos pais e/ou responsável estes devem ser orientados a não confundirem dificuldades de aprendizagem com desenvolvimento normal da criança (COLL, MARCHESI E PALÁCIOS, 2014, 2004; MARTINEZ E TACCA, 2011).

Um outro critério de diagnóstico do TAE infere que as dificuldades de aprendizagem não são consideradas deficiências intelectuais; nem apresentam atraso global do desenvolvimento; ou deficiências auditivas ou visuais; nem tão pouco problemas neurológicos ou motores, pois todas essas características se apresentam intactas no indivíduo, com níveis normais de funcionamento intelectual e por este motivo as dificuldades de aprendizagem são consideradas específicas, pois se delimitam a um conjunto de inabilidades conforme já descritos pelo DSM V (2014, p.69):

O transtorno específico da aprendizagem pode, ainda, ocorrer em indivíduos identificados como intelectualmente "talentosos". Eles podem conseguir manter um funcionamento acadêmico aparentemente adequado mediante o uso de estratégias compensatórias, esforço extraordinariamente alto ou apoio, até que as exigências de aprendizagem ou os procedimentos

avaliativos (p. ex., testes cronometrados) imponham barreiras à sua aprendizagem ou à realização de tarefas exigidas.

As dificuldades de aprendizagem não se apresentam com base em características demográficas, o que dificulta a determinação de causa destes Transtornos, não é exclusiva de crianças, tão pouco de adultos, mas é identificada em sua maioria em crianças em idade escolar, a dificuldade em aprender a correlação entre letra e som, leitura lenta, imprecisa e trabalhosa são o que mais chamam atenção em indivíduos que possuem alguma das dificuldades de aprendizagem ou o somatório destas. Assim, portanto Siqueira e Gurgel-Giannetti (2011) assim como Selikowitz (2001) afirmam que o TAE é uma dificuldade intrínseca ao indivíduo, que leva a um rendimento acadêmico aquém do esperado baseado em seu potencial intelectual devendo haver ao menos uma tentativa de instrução adequada para se conduzir a um diagnóstico. Havendo, portanto uma quantidade expressiva de TAE, este trabalho se concentra nas minúcias do Transtorno de Aprendizagem Específica denominado Dislexia.

2.1 A dislexia

Assim como é difícil conceituar os transtornos de aprendizagem, adentrar as dificuldades de aprendizagem também é como desbravar o novo mundo, Davis (2010, 2004) e Selikowitz (2001) tratam a Dislexia como uma desordem que se apresenta pela dificuldade de **aprender** a ler, podendo estar associada à inabilidade da escrita também [*grifo nosso*].

A dislexia do desenvolvimento é uma condição crônica que se manifesta de forma heterogênea em um modelo dimensional (*continuum*). Apresenta origem neurobiológica com forte herança genética, mas é modulado por fatores ambientais. Várias pesquisas genéticas estão em andamento, pois a história familiar é considerada o mais importante fator de risco para dislexia. Já foram identificados nove regiões de genoma e seis candidatos a genes, porém não há um único gene responsável (SIQUEIRA e GURGEL-GIANNETTI, 2011, p.81).

Para o disléxico, a leitura e a escrita são por vezes tortuosas, já que o mesmo não consegue compreender o que está sendo solicitado pelo sistema educacional padrão. Sua desorientação é vinculada frequentemente a confusões de escrita e leitura de letras como p/q, b/d, c/e, u/v, i/j, n/u, ou ainda com sons que sejam

semelhantes. Siqueira e Gurgel-Giannetti (2011) afirmam ainda que esta dificuldade em aprender letra-som leva o indivíduo a substituir palavras com estruturas semelhantes (ex.: marinha/marina), outros fatores são explicitados na pobreza de fazer rimas, ou confusão entre tempo-espaço, (ex.: esquerda-direita) e uma contínua escrita espelhada mesmo depois dos sete anos de idade. Em casos de dislexia, foi observado um histórico familiar com apresentação de Transtorno de *Déficit* de Atenção e Hiperatividade (TDA/H), o que pode estar relacionado a fatores genéticos conforme já explicitado em citação acima.

Os mesmos autores afirmam ainda que o diagnóstico da dislexia deve ser realizado por equipe multidisciplinar, através de ferramentas que visam evidenciar os níveis de desenvolvimento deste indivíduo nos quesitos leitura, escrita, memória, atenção, habilidades linguísticas, cognitivas e acadêmicas. A maioria dos estudos válidos sobre dislexia concordam que existe uma falha de consciência fonológica em pessoas disléxicas, o que sugere o uso de métodos fônicos para otimizar sua aprendizagem.

Esta pesquisa apresenta o Método Davis como uma alternativa para os profissionais da educação que pretendem trabalhar o Transtorno de Aprendizagem Específico Dislexia, o método foi desenvolvido para corrigir uma desorientação comum aos disléxicos, Davis (2004) seu autor, afirma que a orientação se dá não através do que conseguimos ver com nossos olhos, mas através de algum ponto que está atrás de nossos próprios olhos, aludindo assim a capacidade de representar imagens mentais de tudo o que pode ser percebido ao homem. Em indivíduos disléxicos a desorientação é um fator constante apresentando inclusive movimentos em objetos que na realidade estão inertes, a sensação de tempo também fica alterada e, portanto, as percepções do indivíduo passam a sofrer diversas alterações. Para que essas alterações de percepção possam ser corrigidas há uma série de orientações que precisam ser aplicadas ao indivíduo disléxico.

A ênfase aqui não está em estabelecer uma fórmula única a ser utilizada para ensinar a todas as crianças e eliminar os Transtornos de Aprendizagem, pois este trabalho seria extenso e pretencioso por demais, ao contrário, admite-se aqui que existem diferentes maneiras de ensinar assim como diferentes maneiras de aprender dada as singularidades de cada indivíduo. Ausubel, Novak e Hanesian (1980) já afirmavam que a logicidade por trás de pensamentos que desconsideram a ligação entre ensino e aprendizagem bem como descartam as contribuições que as

teorias da aprendizagem possuem sobre o fator educação são ideias compartimentalizadas e que culminam com a prática educacional de que o conhecimento é algo pronto e acabado, limitando a expansão de horizontes sobre a infinitude do universo que se tem a frente. Tais afirmações nos levam a considerar a história, a cultura e a linguagem na qual o mesmo indivíduo está inserido, pois estas características afetam diretamente sua aprendizagem.

3 APLICAÇÃO DO MÉTODO DAVIS COM CONTEUDO DE CIÊNCIAS

Os dados nos tópicos a seguir estão apresentados conforme o desenvolvimento de cada etapa. Para fins de constatação do uso da Aprendizagem Significativa por Recepção Proposicional Superordenada elaboramos um gráfico que melhor exemplifica as etapas de execução deste trabalho:

Gráfico 1: Estrutura da sequência didática do conteúdo “Os Ossos” usando o esquema de Aprendizagem Significativa da Teoria de Ausubel.



Fonte: A autora.

4 PRIMEIRA ETAPA: DIAGNÓSTICO

Nesta etapa é necessária a coleta de informações sobre o contexto no qual o(a) aluno(a) está inserido(a), através de entrevista com seus pais ou responsável, com o seguinte instrumento:

Escola: _____

DATA ____/____/____

I. IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Série: _____

ENDEREÇO: _____

Data de Nascimento: _____ Idade: _____

Sexo: _____ Cor: _____ Religião: _____

Pai: _____

Escolaridade: _____ Idade: _____

Ocupação: _____

Mãe: _____

Escolaridade: _____ Idade: _____

Ocupação: _____

Endereço: _____

Responsável: _____

Informante: _____

II. COMPOSIÇÃO FAMILIAR

Nome	Idade	Sexo	Estado Civil	Grau de Parentesco	Instrução	Local de Trabalho

III. QUEIXA OU MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO PARA DIAGNÓSTICO COM PROFISSIONAL ESPECIALIZADO

IDADE EM QUE FOI CONSTATADO O PROBLEMA: _____
PROVIDÊNCIAS TOMADAS NA OCASIÃO?

APRESENTA DIFICULDADES MOTORAS E ORIENTAÇÃO ESPACIAL VISÍVEIS?

IV. OUTRAS INFORMAÇÕES

Data ____/____/____

Assinatura do Responsável

Exemplo de atividade diagnóstica que poderá ser aplicado(a) ao aluno(a) para identificar as palavras-gatilho a serem trabalhadas na quinta etapa.

TEXTO 1

OS OSSOS

O osso é uma estrutura encontrada apenas nos animais vertebrados, formado por um tipo de tecido conjuntivo (tecido ósseo). É caracterizado por uma matriz extracelular endurecida pela presença de compostos de cálcio em suas estruturas. O conjunto dos ossos de um animal é o esqueleto, que sustenta o corpo e servem de apoio para os músculos, permitindo assim o movimento. Certos conjuntos de ossos protegem alguns órgãos internos, como o crânio que protege o cérebro. Os ossos também possuem relação com o metabolismo do cálcio, e a medula óssea está relacionada com a formação das células do sangue. O estudo dos ossos chama-se osteologia. O esqueleto humano adulto tem normalmente 206 ossos com sua identificação própria, mais um número variável de ossos sesamóides.

Funções dos ossos:

- *Proteção: protege órgãos internos, tais como cérebro e órgãos torácicos;
- *Apoio para músculos, como se fosse uma moldura para manter a sustentação corpórea;
- *Produção sanguínea através da medula óssea que está na cavidade óssea;
- *Reserva de minerais, principalmente cálcio e fósforo;
- *Funcionamento, conjuntamente com articulações, dos músculos esqueléticos e tendões, para permitir o movimento do animal;
- *Mantém o equilíbrio ácido-base, funcionando como tampão, absorvendo sais alcalinos;

5 SEGUNDA ETAPA: AVALIAÇÃO DA HABILIDADE PERCEPTIVA

Neste primeiro contato com o aluno após a etapa diagnóstica, o Método Davis prevê diagnosticar a capacidade perceptiva do indivíduo que está recebendo as orientações de seu professor. Tal avaliação aponta para a disposição do indivíduo em captar, processar e entender a informação que os sentidos humanos recebem, usando o passo a passo explicado abaixo:

Tabela 1: Avaliação da Habilidade Perceptiva

1. Cumprimento e Introdução	
Cumprimente o aluno e se apresente. Da forma adequada, explique a natureza da avaliação.	
2. Esclarecendo o Conceito (de Percepção)	
O que dizer:	O que fazer
Você escreve com a mão direita ou a esquerda?	Anote a resposta para futura referência:
Eu estou interessado na sua imaginação. Principalmente naquela parte da sua mente em que, fechando os olhos, você pode criar uma imagem de alguma coisa e ver essa imagem. Isto faz sentido para você?	Se “sim”, continue. Se “não”, explique melhor, pedindo que imagine algo de que ela goste, com os olhos fechados. Se a pessoa não puder formar uma imagem mental (imaginária), pare.
	Desenhe dois círculos numa folha de papel em branco.
Este círculo representa você.	Aponte para um dos círculos.
Este representa a mim.	Aponte para o outro círculo.
Se você está olhando para mim, você está olhando a partir daqui.	Mostre com seu lápis o primeiro círculo.
E você está olhando para mim aqui.	Desenhe uma seta indo do primeiro círculo “você” para o segundo círculo “eu”.
Desde que estejamos olhando com nossos olhos, nós sabemos exatamente	Aponte para seus próprios olhos. Aguarde um segundo.

de onde estamos olhando. Mas o que acontece quando nós estamos olhando para uma imagem com nossas mentes?	
Nós estamos fazendo a mesma coisa. Nós estamos olhando para alguma coisa a partir de algum lugar.	Aponte para o círculo “eu” quando você disser “para”. Aponte para o círculo “você” quando você disser “a partir de”.
Eu quero chamar esse lugar de onde estamos olhando de OLHO MENTAL porque é ele que vê quando nós estamos imaginando. Ele é que está olhando.	Tenha certeza de que a pessoa captou a ideia.
Você gosta de bolo?	Nota: A maioria das pessoas gostam de bolo, por isso, neste exemplo, vamos supor que a pessoa goste. Se “não”, tente torta, pizza ou um objeto qualquer, de formato bem definido, que a pessoa possa imaginar facilmente.
De que tipo de bolo você gosta?	Anote o tipo de bolo de que a pessoa gosta para futura referência:
3. Avaliação	
	Peça ao aluno para sentar-se diretamente na sua frente, suficientemente perto para você poder esticar a mão e tocar sua testa sem que você precise se levantar da cadeira; mas não tão perto que possa deixá-lo pouco à vontade.
Está bem se eu tocar suas mãos durante o exercício que vamos fazer?	Aguarde seu consentimento.
Nós vamos usar ambas as suas mãos, por isso eu preciso que você as deixe disponíveis para mim.	Segure a mão contrária à mão dominante da pessoa (se destra, segure a mão esquerda; se canhota, segure a

	mão direita). Posicione a mão com a palma para cima como se segurasse um livro para ler.
Vamos imaginar que um pedaço de bolo de _____ está aqui em sua mão. Me diga quando você tiver conseguido fazer isto.	<p>“Imagine um pedaço de bolo de chocolate na sua mão”. (Toque na palma da mão)</p> <p><i>Descreva o bolo exatamente como a pessoa o descreveu, usando as mesmas palavras que ela usou: “Uma grande fatia de bolo de chocolate” ou um bolo com creme chantilly e morango”.</i></p>
Feche seus olhos. Eu quero que você mantenha seus olhos fechados até que eu diga para você abri-los. Está bem?	<p>Faça esta solicitação quando ela disser que tem uma imagem mental (se seus olhos ainda não estiverem fechados)</p> <p>“Feche seus olhos”</p>
	<p><i>Nota: Se a pessoa não consegue visualizar um objeto ou tem dificuldade em manter a imagem, você pode parar ou tentar guiá-la na criação de uma imagem mental. Dificuldade em visualizar indica que o Procedimento de Orientação não será fácil para esta pessoa.</i></p> <p><i>Fazendo perguntas simples, determine como o objeto está posicionado na mão. Continue até que você também tenha uma imagem mental clara do objeto que está na mão da pessoa.</i></p> <p><i>Se você não consegue fazer uma cópia visual do objeto imaginário, pelo menos</i></p>

	<p><i>procure criar a impressão de seu tamanho, formato e posição.</i></p> <p><i>Com o seu polegar e seu dedo médio, segure o dedo indicador da outra mão da pessoa. Leve o indicador para um ponto a poucos centímetros da testa da pessoa, num nível levemente acima do nível dos olhos.</i></p>
<p>Eu quero que você altere sua imaginação e coloque seu olho mental <i>aqui</i>, onde está o seu dedo, e olhe para o pedaço de bolo a partir <i>daqui</i>.</p>	<p>Quando você disser “<i>daqui</i>”, toque a ponta do dedo indicador da pessoa com o seu dedo indicador.</p> <p>“Olhe para o pedaço de bolo, <i>daqui</i>.”</p>
<p>É como se você subisse um pouco mais para ter uma visão do bolo <i>daqui</i>.</p>	
<p>Você pode ver o bolo <i>daqui</i>?</p>	<p>Toque a ponta do dedo indicador novamente.</p> <p>Nota: Se a pessoa não consegue executar este primeiro movimento com facilidade, não continue. Vá até a quarta etapa deste processo e finalize a avaliação. Explique que a avaliação terminou e que o Procedimento de Orientação não é indicado.</p>
<p>Eu quero que você mantenha seu olho mental na ponta do seu dedo. Agora eu vou mover seu dedo. Eu quero que seu olho mental se mova com ele. Está bem?</p>	<p>Nota: Não mova o dedo da pessoa enquanto estiver dando instruções ou falando com ela. Fale antes de começar a mover o dedo e pare antes de começar a falar novamente.</p>
	<p>Mova o dedo lenta e suavemente para uma posição a meio caminho numa volta</p>

	em torno da mão aberta. Mantenha o dedo mais ou menos na mesma distância da mão aberta e dos olhos da pessoa.
Você pode ver o bolo daqui?	<p>Toque a ponta do dedo.</p> <p><i>Quando sim, faça perguntas que requerem uma resposta verbal. Preste atenção no tempo que a pessoa leva para responder, nas variações nos padrões da fala e em qualquer manifestação de confusão ou desorientação. Uma vez convencido de que a pessoa realmente mudou o olho mental para a nova posição, você pode ir para a quarta etapa e finalizar a avaliação a qualquer momento.</i></p>
Eu vou mover seu dedo novamente. Eu quero que seu olho mental se mova com seu dedo. Está bem?	Se você não está seguro de que a pessoa realmente moveu olho mental, vá para o próximo passo.
	Mova o dedo lenta e suavemente um pouco mais em torno da mão aberta. Não mova o dedo mais do que um quarto da distância em torno, acima ou abaixo da mão aberta durante qualquer movimento.
Você pode ver o bolo daqui?	<p>Toque na ponta do indicador novamente.</p> <p>Quando “sim”, faça novamente perguntas, procurando por indicações de que a pessoa realmente moveu o olho mental. Ela deveria ver uma imagem mental (imaginária) a partir da</p>

	<p>perspectiva da ponta de seu dedo, como se ela estivesse olhando para o objeto a partir daquela posição.</p> <p>Repita este processo de mover o olho mental e fazer perguntas até que você esteja convencido de que o olho mental realmente se moveu.</p>
4. Finalizando a Avaliação	
Eu quero que você coloque seu olho mental de volta no lugar onde ele estava quando nós começamos. Eu quero que você tenha sua visão original daquele pedaço de bolo.	Lenta e suavemente mova o dedo em direção ao olho no lado dominante do corpo da pessoa. Quando chegar a alguns centímetros do olho, pare o dedo.
Tire seu olho mental da ponta do seu dedo e tenha sua visão original do bolo a partir de seus olhos.	Espere alguns segundos.
Você está tendo sua visão original?	Se “sim”, mova o dedo na direção do colo da pessoa e solte sua mão.
Faça o pedaço de bolo desaparecer e me diga quando ele se foi.	<p>Nota: Se ela tiver qualquer dificuldade em fazer desaparecer o objeto, mande ela dar uma “piscada de olhos invertida” abrindo e fechando seus olhos rapidamente.</p> <p>Quando o bolo tiver desaparecido, toque a palma da mão aberta.</p>
Coloque outro pedaço de bolo aqui em sua mão e me diga quando você conseguiu.	Nota: O motivo de se formar uma segunda imagem e fazê-la desaparecer é para ter certeza de que o olho mental voltou para seu local original, assim a pessoa não permanecerá desorientada.
Faça este pedaço de bolo desaparecer	Quando seus olhos abrirem, leve a mão

e, quando ele tiver ido embora, abra seus olhos.	da pessoa em direção ao colo e solte-a.
--	---

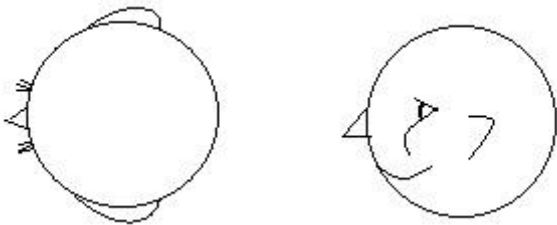
Fonte: Davis, 2004.

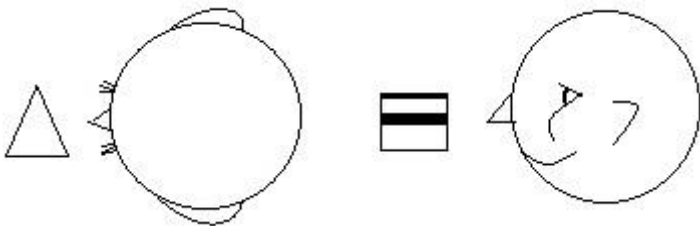
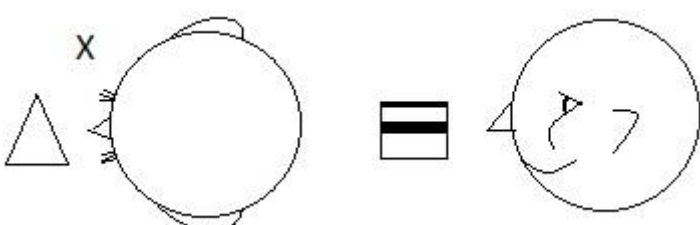
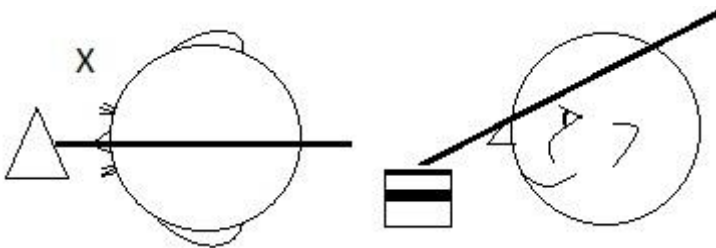
6 TERCEIRA ETAPA: PROCEDIMENTO DE ORIENTAÇÃO

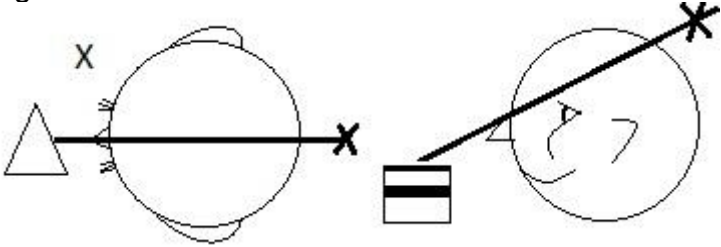
Davis (2004) apresenta a orientação como a capacidade perceptiva de descobrir fatos e condições do meio em que se está e adequadamente se posicionar a respeito deles. Naturalmente os seres humanos utilizam a visão como principal instrumento de identificação dos objetos em determinado espaço, esta etapa visa confrontar a noção de orientação do indivíduo no lugar em que este se encontra, buscando confirmar sua disposição para absorver e executar as ordens que serão dadas nas etapas seguintes.

Tabela 2: Procedimento de Orientação

1. Cumprimento e Introdução:	
Cumprimente o aluno e estabeleça um bom contato. De forma adequada, explique o objetivo e a razão do procedimento.	
2. Esclarecendo o Conceito:	
Desorientação é uma condição na qual o cérebro não está recebendo o que os olhos veem ou o que os ouvidos ouvem; os sentidos de equilíbrio e de movimento estão alterados e o sentido de tempo se torna mais rápido ou mais lento.	
O que dizer:	O que fazer:
Antes de começar a sessão, eu vou descrever para você tudo o que nós vamos fazer. Primeiro, vou lhe mostrar no papel e depois vamos fazer passo a passo. Está bem?	
	Pegue uma folha de papel e peça à pessoa para sentar-se de modo que o papel possa ser visto claramente. Escreva no papel o nome da pessoa, o seu nome,

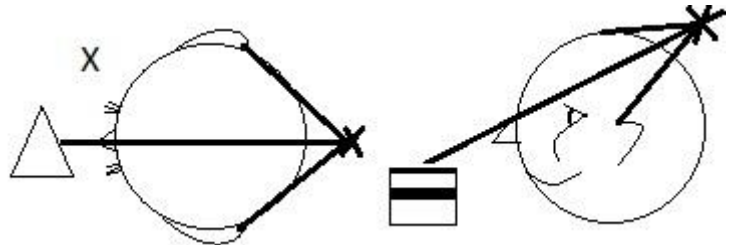
	a data, o nome do processo, o objeto a ser usado na visualização e a mão dominante da pessoa.
Há duas razões para fazermos isso primeiro. Uma é fazer com que você saiba o que vai acontecer para não haver surpresas. A outra é para ter certeza de que você entende o que vou lhe pedir para fazer.	
Por favor, absolutamente não faça nada no processo enquanto eu estiver lhe mostrando no papel. Isto só criaria confusão. Apenas veja e escute. Se tiver alguma dúvida, pergunte. Depois que nós terminarmos de examinar bem o que vou colocar no papel, eu vou repassar as etapas com você passo a passo. Está bem?	
	Desenhe dois círculos no papel. Faça um círculo como uma “visão de cima” de uma cabeça. Faça o outro círculo como uma “visão lateral” de uma cabeça.
Estas são duas vistas da mesma cabeça, olhando para ela do topo e de lado.	<p>Figura 6: Desenho 1</p> 
Como na avaliação, nós queremos que você imagine um pedaço de _____ em sua mão.	Desenhe o objeto (o pedaço de bolo usado na avaliação) para ser visualizado na frente de ambas as vistas. Na vista lateral, o objeto deverá estar abaixo do nível dos olhos a um ângulo de cerca de

	45 graus com relação à linha da visão.
	<p>Figura 7: Desenho 2</p> 
<p>Então, vou pedir para você alterar sua imaginação, colocar seu olho mental na ponta de seu dedo, leva-lo para o lado e olhar para o pedaço de bolo a partir <i>daqui</i>.</p>	<p>Coloque um X no lado dominante da pessoa, na vista de cima, para indicar a posição do olho mental (no lado direito se a pessoa for destra).</p> <p>Figura 8: Desenho 3</p> 
	<p>Desenhe uma linha reta a partir do objeto através da vista de cima. Estenda essa linha bem depois da parte de trás da cabeça. Na vista lateral, desenhe uma linha reta a partir do objeto, entrando pelo topo do nariz, atravessando a cabeça e estenda essa linha bem depois da parte de trás do alto da cabeça.</p>
<p>Uma vez que seu olho mental está na ponta de seu dedo, nós vamos fazer você imaginar uma linha que vai do pedaço de bolo direto através de sua cabeça. A linha irá do pedaço de bolo, para dentro do topo de seu nariz, através de sua cabeça e irá se estender uns trinta centímetros acima e atrás da sua cabeça.</p>	<p>Figura 9: Desenho 4</p> 

<p>Depois de desenhar esta linha, nós vamos fazer você mover seu olho mental de modo a ficar poucos centímetros acima e atrás de sua cabeça e nós vamos fazer você posicioná-los sobre a linha. Está bem?</p>	
	<p>Faça um X em cada uma das linhas que atravessa as cabeças.</p> <p>Figura 10: Desenho 5</p> 
<p>Você sabe como funciona uma âncora de barco?</p>	
<p>Você tem um peso pesado e amarra nele uma corda ou uma corrente. Você prende a corda no barco e joga a âncora dentro d'água. A âncora afunda na lama ou se engancha numa rocha ou outra coisa e, quando a corda está bem esticada, ela impede que o barco se mova. Certo?</p>	<p><i>Certifique-se de que o conceito de “corda de ancoragem” foi entendido.</i></p>
<p>Nós vamos usar a mesma ideia de uma âncora. Quando seu olho mental estiver no lugar certo, sobre a linha acima e atrás da sua cabeça, nós vamos fazer você trazer uma linha de ancoragem até o topo de cada</p>	<p><i>Desenhe três linhas de ancoragem no papel enquanto você vai explicando.</i></p>

uma de suas orelhas e amarrá-las ali. Então, nós vamos fazer você trazer uma terceira linha de ancoragem até o topo de sua cabeça e também amarrá-la ali. Depois nós vamos fazer você esticar as três linhas e juntá-las exatamente no ponto em que seu olho mental está.

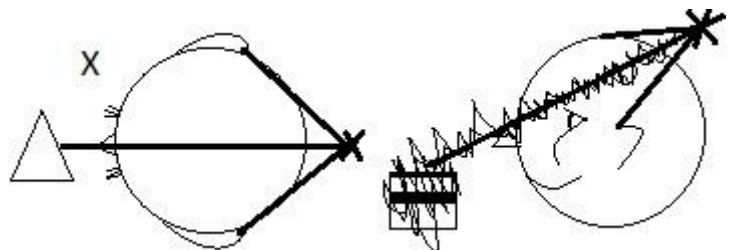
Figura 11: Desenho 6



Alguma pergunta até aqui?

Uma vez que as três linhas estão desenhadas, não precisamos mais da linha que vai para o bolo, então você vai apagá-la e ela sumirá. Nós também não vamos mais precisar do pedaço de bolo, então apague-o também.

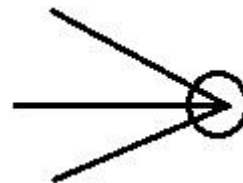
Figura 12: Desenho 7



O que vai sobrar são as três linhas de ancoragem que se encontram e formam um ponto acima e atrás de sua cabeça.

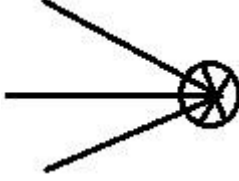
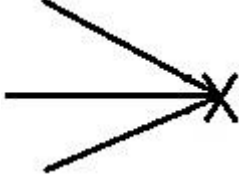
Separadamente, numa outra parte do papel, desenhe três linhas se encontrando. Desenhe um círculo em volta do ponto de interseção.

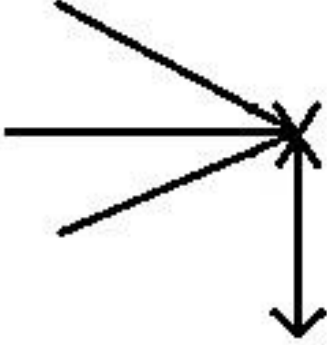
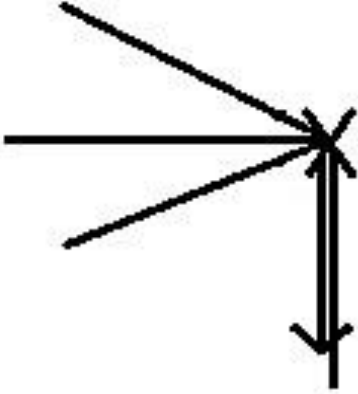
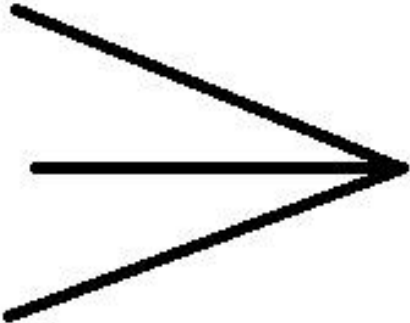
Figura 13: Desenho 8



Nós vamos chamar o lugar onde as três linhas se juntam de PUNTO DE ORIENTAÇÃO. Este é o LUGAR onde as linhas terminam. Nós vamos chamar as


<p>linhas de linhas de ancoragem, não para ancorar o olho mental, o que de qualquer jeito, você não pode fazer, mas para ancorar lá este lugar de modo que ele fique fixo.</p>	
<p>Alguma pergunta até aqui?</p>	
<p>O que nós estamos realmente buscando é um grupo de células, no centro do cérebro, que são responsáveis pela desorientação. Quando estas células estão <i>desligadas</i>, nosso cérebro capta exatamente o que nossos olhos veem, conforme nossos olhos estão vendo; nosso cérebro capta exatamente o que nossos ouvidos ouvem, conforme nossos ouvidos estão ouvindo. Nossos sentidos de equilíbrio e de movimento são precisos e nosso sentido de tempo é exato. Quando aquelas células cerebrais estão <i>ligadas</i>, nosso cérebro não capta o que nossos olhos veem; ele capta o que nós achamos que nossos olhos estão vendo. Nosso cérebro não capta o que nossos ouvidos ouvem; ele capta o que nós achamos que nossos ouvidos estão ouvindo. Nossos sentidos de equilíbrio e de</p>	

<p>movimento se alteram e nosso sentido interno de tempo pode se tornar mais rápido ou mais lento. O que nós realmente necessitamos é do INTERRUPTOR DE DESLIGAR para essas células cerebrais. É isso que aquele ponto de orientação é. Ele é o interruptor de desligar para a desorientação.</p>	
<p>A maneira como nós <i>desligamos</i> o interruptor é simplesmente colocando o olho mental naquele ponto de orientação. Isto desliga aquelas células do cérebro.</p>	<p><i>Desenhe um X dentro do círculo onde as três linhas separadas se juntam.</i></p> <p>Figura 14: Desenho 9</p> 
<p>Se seu olho mental está pousado neste ponto, as células cerebrais estão desligadas. Mas se acontecer alguma coisa que pode causar uma desorientação, o olho mental não fica lá, ele se move.</p>	<p><i>Desenhe outras três linhas se encontrando e coloque um X neste ponto.</i></p> <p>Figura 15: Desenho 10</p> 
<p>Desta maneira ele sai do lugar e nós ficamos desorientados. No passado, se esperássemos o tempo suficiente ou saíssemos para dar uma volta ou fizéssemos qualquer coisa diferente daquilo que estávamos fazendo, que causou a</p>	<p>Figura 16: Desenho 11</p>

<p>desorientação, nosso olho mental acabaria voltando e ficaríamos bem outra vez, até que alguma outra coisa causasse uma outra desorientação.</p>	
<p>Quando nós temos um ponto de orientação, nós podemos deliberadamente trazer o olho mental de volta, colocá-lo no ponto e acabar com a desorientação. Não é necessário esperar ou fazer alguma outra coisa, nem nos torturarmos. Simplesmente colocar o olho mental de volta naquele lugar desliga a desorientação. Também desliga a sensação de confusão e para os erros.</p>	<p><i>Desenhe uma linha retornando ao ponto e refaça o X.</i></p> <p>Figura 17: Desenho 12</p> 
<p>Alguma pergunta até aqui?</p>	<p><i>Desenhe mais três linhas que se encontram; elas deverão ser mais compridas e mais grossas do que as outras.</i></p> <p>Figura 18: Desenho 13</p> 
<p>É claro que não podemos ver um olho mental. Na verdade, ele nem sequer pode ver a si</p>	

<p>mesmo num espelho. É invisível. Então, vamos imaginar, por um momento, que este objeto é o olho mental. Está bem?</p>	
	<p><i>Pegue algum objeto pequeno (por exemplo, uma moeda) e segure-o de modo que a pessoa possa vê-lo.</i></p>
<p>Quando chegamos na parte da sessão em que você instalou as três linhas de ancoragem, seu olho mental irá pousar exatamente onde elas se encontram.</p>	<p><i>Posicione o objeto no desenho, exatamente onde as três linhas se encontram.</i></p>
<p>Pela primeira vez na sua vida, você terá, deliberadamente, desligado as células do cérebro que causam desorientação. O único problema é que nós não aprendemos muita coisa ao fazermos algo apenas uma vez.</p>	
<p>Então, quando tivermos seu olho mental pousado naquele ponto, nós vamos encontrar alguma coisa da vida real que possa levar seu olho mental a saltar para fora do ponto e desorientar você.</p>	<p><i>Com um peteleco, faça o objeto saltar para fora do ponto em que as linhas se encontram.</i></p>
<p>Quando isso acontecer, eu vou impedir você de olhar para a coisa que fez seu olho mental saltar e vou, simplesmente, fazer você colocar seu olho mental de volta no ponto.</p>	

<p>Isso desligará a desorientação. A confusão irá embora. Então, eu vou lhe mostrar o que fez isso acontecer.</p>	
<p>Depois, nós encontraremos uma outra coisa que fará seu olho mental saltar.</p>	<p><i>Faça o objeto saltar para fora do ponto e coloque-o novamente no lugar.</i></p>
<p>Você colocará seu olho mental de volta, eu lhe mostrarei o que fez ele saltar, e aí nós vamos repetir. Nós vamos repetir várias vezes, até você se tornar um perito em colocar seu olho mental de volta no seu ponto de orientação. Você será capaz de fazer isso rapidamente, facilmente, e de saber que você o fez.</p>	
<p>O que você terá, então, será a habilidade para desligar uma desorientação. Não importará o que a ligou, a ação de simplesmente colocar seu olho mental no seu ponto de orientação desligará a desorientação.</p>	
<p>Alguma pergunta?</p>	
<p>Há mais um ponto que precisamos estabelecer.</p>	
<p>Nós chamaremos isso de uma <i>linha</i> porque ela tem um comprimento. Exatamente como esta caneta/este lápis têm</p>	<p><i>Aponte para uma das linhas de ancoragem do desenho.</i></p>

comprimento. Mas o que acontece quando nós olhamos para o topo deles?	
Não parece longo de jeito nenhum, não é? Parece um ponto, não é?	<i>Pegue sua caneta ou seu lápis. Coloque o topo da caneta ou do lápis na direção dos olhos da pessoa.</i>
Se o olho mental estivesse pousado exatamente <i>aqui</i> ele não veria as três linhas como linhas, veria?	<i>Aponte para o lugar do desenho onde as três linhas se encontram, quando você disser “aqui”.</i>
Ele as veria como três pontos ou, se eles fossem espremidos juntos, como um ponto. Você concorda?	<i>Desenhe um ponto e também três pontos tocando um no outro.</i>
	<p>Figura 19: Desenho 14</p> 
Você tem alguma pergunta sobre o que vamos fazer?	
Se você não tem mais perguntas, vamos fazer.	
3. Sequência do Processo:	
Esta etapa do método é a aplicação do que foi explicado acima. É importante que o pesquisador saiba que antes de executar as atividades é necessário que se demonstre usando os esquemas acima para que o aluno não fique desorientado durante sua execução.	
O que dizer	O que fazer
	<i>Peça à pessoa para sentar-se diretamente na sua frente, perto o suficiente para que você possa alcançar e tocar sua testa, sem que você saia da sua cadeira. Não sente tão perto da pessoa a ponto de fazê-la se sentir pouco à vontade.</i>
Está bem se eu segurar suas	<i>Aguarde seu consentimento.</i>

mãos durante o exercício que vamos fazer?	
Nós vamos usar ambas as suas mãos, por isso eu preciso que você as deixe disponíveis para mim.	<i>Segure a mão oposta à mão dominante da pessoa (se ela for destra, pegue a mão esquerda; se ela for canhota, pegue a mão direita). Posicione a mão com a palma para cima, aproximadamente no lugar onde ela seguraria um livro para ler.</i>
Vamos imaginar que um pedaço de bolo de _____ esteja exatamente aqui em sua mão. Diga-me quando você tiver o pedaço de bolo na sua mão.	<i>Descreva o bolo exatamente como ele foi descrito para você na avaliação.</i>
Feche os olhos. Eu quero que você mantenha os olhos fechados até que eu diga para você abri-los. Está bem?	
	<i>Quando você tiver certeza de que a pessoa formou uma imagem mental e seus olhos estiverem fechados, pegue o dedo indicador da outra mão (a dominante) entre seus dedos polegar e médio. Eleve o dedo da pessoa até um ponto um pouco distante da têmpora ao nível dos olhos (onde você colocou o X ao lado da cabeça no desenho inicial).</i>
Eu quero que você altere sua imaginação e coloque seu olho mental <i>aqui</i> ...onde seu dedo está, e olhe para o pedaço de bolo a partir <i>daqui</i> .	<i>Toque a ponta do dedo indicador da pessoa com o seu dedo indicador quando você disser "aqui".</i>
É como se você se debruçasse e estivesse olhando <i>daqui</i> .	<i>Dê um toque no dedo novamente. Espere alguns segundos.</i>
Você pode ver o pedaço de bolo <i>daqui</i> ?	<i>Dê um toque no dedo. Quando "sim", vá para o próximo passo.</i>

<p>Imagine uma linha reta que vai desde o pedaço de bolo para dentro do topo de seu nariz (entre as sobrancelhas), através de sua cabeça e estica para fora cerca de trinta centímetros atrás de você. Trace esta linha e me diga quando estiver pronta.</p>	<p><i>Confirme que a linha está lá.</i></p>
<p>Eu vou mover seu dedo. Eu quero que seu olho mental se mova com ele. Está bem?</p>	<p><i>Nota: Não mova o dedo enquanto estiver dando instruções ou falando com a pessoa. Termine de falar antes de começar a mover o dedo e pare de mover o dedo antes de começar a falar novamente.</i></p>
<p>Eu quero que você coloque seu olho mental sobre a linha acima e atrás de sua cabeça. Por isso, deixe-me mover seu dedo. Deixe seu olho mental se mover com ele.</p>	<p><i>Você vai precisar se levantar para alcançar acima e atrás da cabeça da pessoa. Faça isso com calma e delicadamente.</i></p> <p><i>Mova o dedo <u>d e v a g a r</u> e <u>s u a v e m e n t e</u> em direção à linha mediana do corpo acima e atrás da cabeça. Pare o dedo entre 15 e 25 centímetros acima e atrás da cabeça.</i></p>

Figura 20: Desenho 15



Fonte: retirada do livro “O Dom da Dislexia”

Pare o dedo entre 15 e 25 centímetros acima e atrás da cabeça.

Eu não posso ver a linha. Somente você pode vê-la, então eu preciso que você faça o ajuste fino para colocar o olho mental exatamente sobre ela.

Se o cotovelo da pessoa estiver esticado para fora e para o lado de seu corpo, talvez você necessite girar seu ombro para que o cotovelo aponte para a frente. Desta forma a mão pode chegar facilmente atrás da cabeça e o braço não ficará cansado.

Alivie a pressão de seus dedos sobre o indicador da pessoa e permita que ela mova o dedo livremente. Pode levar alguns segundos até ela achar o ponto exato. Quando ela parar de mover o dedo, segure-o novamente.

Figura 21: Desenho 16



Fonte: retirada do livro “O Dom da Dislexia”

“Eu vou precisar que você faça o ajuste final para colocar seu olho mental exatamente sobre a linha.”

Verifique se o dedo está onde seria a linha mediana do corpo (raramente está).

Se estiver na linha mediana, vá para o próximo passo.

[Se não estiver na linha mediana, sem mudar a distância com relação à cabeça, mova o dedo para a linha mediana.]

[Parece que está um pouco para fora, para o lado. Está bem se eu movê-lo só um pouquinho?]

[Estique a linha para ela chegar até *aqui* e me diga quando você o tiver feito.]

[Dê um toque no dedo.]

Você pode ver suas orelhas *daqui*? Você pode ver diretamente através do seu cabelo.

Dê um toque no dedo.

Quando “sim”, vá para o próximo passo.

[Se “não”, faça com que a pessoa “sinta” onde as orelhas estariam. Se necessário, peça-lhe para sentir suas orelhas com sua mão (use a mão que está segurando o objeto imaginário). Se o fato de tocá-las não possibilita vê-las, faça com que a pessoa imagine onde suas orelhas estariam e crie uma imagem mental delas.]

Coloque linhas de ancoragem até o topo de cada orelha, amarre-as e puxe-as firmes para <i>aqui</i> .	<i>Dê um toque no dedo.</i>
Coloque outra linha de ancoragem até o topo de sua cabeça, amarre-a e puxe-a firme também para <i>aqui</i> .	<i>Dê um toque no dedo.</i>
Junte as três linhas.	<i>Confirme que isso foi feito.</i>
Eu quero mover seu dedo, mas não quero que seu olho mental venha com ele desta vez. Está bem?	<i>Assegure-se do consentimento da pessoa.</i>
Quando eu estiver movendo o seu dedo, deixe seu olho mental no fim das linhas.	<i>Mova o dedo uns poucos centímetros para o lado.</i>
Seu olho mental ficou sobre as linhas?	<p><i>Se “sim”, mova o dedo por sobre o ombro na direção do colo. Solte o dedo e sente-se.</i></p> <p><i>[Se “não”, coloque o dedo de volta na posição sobre as linhas.]</i></p>
[Tire for seu olho mental da ponta de seu dedo e deixe-o sobre as linhas quando eu mover seu dedo.]	<i>[Repita esta etapa até que o olho mental se mantenha sobre as linhas.]</i>
Nós não precisamos mais da linha que vai até o pedaço de bolo, então apague-a e me diga quando ela tiver sumido. Nos também não precisamos mais do pedaço de bolo, então apague-o e me diga quando ele tiver desaparecido.	

Qual a cor das três linhas de ancoragem que você acabou de colocar?	<i>Anote para sua referência:</i> _____
Mova o olho mental para o lugar onde as três linhas (coloridas) se encontram. Me diz quando ele estiver lá.	
Você vê três pontos ou um?	<i>Anote:</i> _____
Eles são da mesma cor das linhas?	<i>Anote:</i> _____
O que seu olho mental vê agora é o que ele deve ver quando ele está no ponto de orientação. Sempre que você quiser, você pode olhar com seu olho mental. Se ele vir o que ele está vendo exatamente agora, você saberá que ele está no ponto de orientação.	
Se ele não vir o que está vendo exatamente agora, você saberá que ele não está no ponto de orientação e você teria que movê-lo para o ponto para ele ver o que ele vê agora. Alguma pergunta?	
Abra seus olhos. Ele se moveu quando você abriu os olhos?	<i>[Se “não”, vá para o próximo passo.]</i> <i>[Se “sim”, diga-lhe para colocá-lo de volta.]</i>
[Coloque-o de volta]	<i>[Se “eu não sei”, peça-lhe para fechar os olhos e verificar.]</i>
[Feche seus olhos e olhe.]	

4. Explicação	
O que dizer	<i>O que fazer</i>
Eu não posso ver o seu olho mental. Eu não posso ver suas linhas de ancoragem. Se eu não estivesse aqui enquanto você estava fazendo isso, eu nem saberia que você as tem. Se eu não sei, ninguém mais tampouco sabe, então só você sabe com certeza. Você não deve ficar preocupado se alguém vai pensar que você está fazendo algo que eles não podem fazer.	
Você não pode tocar um olho mental; nada pode.	
Você não deve se preocupar se alguma coisa vai bater nele ou se você vai bater com ele numa parede, numa porta ou noutra coisa qualquer. Você não deve se preocupar se você arrisca de prendê-lo na porta do carro. Ele passa diretamente através das coisas, como se elas nem estivessem ali.	<i>Abane sua mão acima e atrás de sua cabeça.</i>
Quando seu olho mental está pousado sobre o ponto, ele é localizado pelas linhas que vão até suas orelhas e até o topo de sua cabeça. Você não consegue se mover rápido o bastante a ponto de perde-lo. Você não	

<p>consegue virar sua cabeça rápido o bastante a ponto de derrubá-lo. Ele simplesmente fica pousado ali e vai aonde sua cabeça e suas orelhas forem.</p>	
<p>Alguma pergunta?</p>	
<p>Você sabe o que a palavra responsabilidade significa?</p>	<p><i>Quer a resposta seja “sim” ou “não”, faça com que ela compreenda o conceito seguinte.</i></p>
<p>Deixe-me dar-lhe uma definição (simples ou mais simples). Responsabilidade é a habilidade e a vontade de controlar algo. Controle, em sua forma mais simples, é a habilidade par fazer com que algo mude ou não mude.</p>	
<p>Por causa do fato que eu posso estender o braço e mover sua mão, eu estou mudando algo a respeito do seu corpo. Esta mudança está acontecendo e você não está fazendo isto. Eu sou responsável por esta mudança. Você não é, porque não foi você quem fez isto. Está certo?</p>	<p><i>Pegue uma das mãos da pessoa e mexa um pouco com ela.</i></p>
<p>Mas eu não posso estender minha mão e mover seu olho mental. Ninguém pode. Não há uma pessoa, um animal, uma máquina ou qualquer coisa nesta terra que possa mover seu olho mental um bilionésimo de um</p>	

<p>centímetro. Mas você pode colocá-lo em qualquer lugar que você queira. Isto significa que você tem total responsabilidade pelo lugar onde seu olho mental está e o que ele faz.</p>	
<p>Você concorda?</p>	
<p>Isso também significa que, quando ele salta, quando você fica desorientado, você é quem o fez saltar. Quando você era muito pequeno, você o programou de forma a que sempre que você estivesse suficientemente confuso seu olho mental sairia automaticamente do lugar e tentaria se livrar da confusão. Quando a confusão era sobre um objeto real, isso de fato funcionava. Isso se livrava da confusão. Mas isso não vai funcionar com um símbolo e, como todas as palavras são símbolos, não vai funcionar com palavras. Mover o olho mental em vários sentidos, apenas cria mais confusão.</p>	
<p>Agora você tem um problema. Seu olho mental salta toda vez que você fica confuso e você não quer mais fazer isso.</p>	
<p>O problema é que ele ainda vai</p>	

<p>saltar. Se você tentar segurá-lo no ponto para impedir que ele salte, ao mesmo tempo que estiver, automaticamente, tentando fazê-lo saltar, você vai ter uma dor de cabeça.</p>	
<p>A única solução que eu conheço é ir em frente e deixa-lo saltar. Quando ele fizer isso, simplesmente traga-o de volta. Isto será trabalho seu, sua responsabilidade. Sempre que ele saltar, coloque-o de volta no lugar.</p>	
<p>Você tem alguma pergunta?</p>	
<p>O seu olho mental ainda está no ponto de orientação?</p>	<p><i>Se “sim” vá para o próximo passo. [Se “não”, peça que o coloque de volta.]</i></p>
<p>Por um curto período de tempo inicial, depois que nós temos um ponto de orientação, nosso olho mental só quer saber de flutuar em torno dele. Ele simplesmente não fica ali. Acontece com todo mundo. Isto se chama “vaguear”.</p>	
<p>Tão logo você se acostume a controlar seu olho mental, colocando-o e deixando-o no ponto de orientação, o “vaguear” irá parar. Então, quando você colocar seu olho mental lá, ele simplesmente ficará lá.</p>	
<p>Não tente segurar seu olho mental no ponto de orientação,</p>	

deixe-o vaguear. De vez em quando, leve-o de volta ao ponto e solte-o. Se você tentar segurá-lo lá, você estará simplesmente prolongando a fase do vaguear.	
Alguma pergunta?	
5. Treinando Uso da Orientação	
O que dizer	<i>O que fazer</i>
	<i>Baseado na história da desorientação, selecione uma atividade, tal como a leitura, que irá desorientar a pessoa. Esteja alerta para os sinais de desorientação. Quando uma desorientação ocorrer ou um erro ocorrer, pare a atividade.</i>
Seu olho mental se moveu?	<i>Se “não”, continue a atividade até que ele se mova. [Se “eu não sei”, faça-a verificar.]</i>
[Olhe com seu olho mental e veja se ele vê o (s) pontos (s).]	<i>Quando ele tiver se movido, peça à pessoa que o coloque de volta.</i>
Coloque-o de volta.	<i>Então mostre o estímulo que desencadeou a desorientação.</i>
	<i>Continue desta maneira até que a pessoa possa rápida e facilmente colocar o olho mental de volta no ponto de orientação e perceber que isto faz diferença.</i>
	<i>Quando a pessoa puder colocar, rápida e facilmente, o olho mental no ponto de orientação e souber que ela fez isso, a sessão estará completa.</i>

Fonte: Davis, 2004.

7 QUARTA ETAPA: PROCEDIMENTO DE SINTONIA FINA

O conceito de sintonia fina apresentado no Método Davis complementa a avaliação de que o aluno que está sendo submetido ao método possui as habilidades motoras adequadas para completar as tarefas propostas.

Tabela 3: Procedimento de Sintonia Fina

O que dizer	O que fazer
	<i>Explique o conceito de sintonia fina de um rádio e como isso se aplica ao processo de localização do ponto ótimo de orientação.</i>
Quero que você mantenha seus olhos abertos durante o que nós vamos fazer. Está certo?	<i>Encontre um lugar onde se tenha a vista de uma paisagem se estendendo bem longe. Isto pode ser feito olhando pela janela. Faça a pessoa ficar em pé de frente para a paisagem.</i>
Coloque seu olho mental no seu ponto de orientação.	<i>Peça a pessoa para verificar se o olho mental está sobre o ponto de orientação.</i> <i>Fique ao lado da pessoa e mostre um lugar ou um ponto específico na paisagem. O lugar ou ponto não deverá estar abaixo do nível dos olhos.</i>
Com seus olhos olhando para aquele lugar/ponto, equilibre-se num pé só.	<i>Nota: Não importa sobre qual pé elas se equilibram. Elas podem trocar de pé se desejarem.</i> <i>Gentilmente, segure a pessoa pelos ombros e então alivie a pressão, sem afastar suas mãos dos ombros.</i>
Agora empurre seu olho mental para fora do ponto, na minha direção, e veja o que isto faz com seu equilíbrio. Eu não	<i>[Se a pessoa não se inclinar para cima de você...]</i>

vou deixar você cair.	
[Dê-lhe um bom empurrão; eu não vou deixar você cair]	<i>Nota: É importante que a pessoa sinta seu corpo se desequilibrar na direção para onde seu olho mental se movimenta.</i>
Coloque seu olho mental de volta no ponto e coloque seu pé no chão.	<i>Localize um outro lugar ou ponto que esteja mais perto, no chão, cerca de 45 graus abaixo da linha de visão. Direcione a atenção da pessoa para o lugar/ ponto.</i>
Incline sua cabeça para frente e olhe diretamente para o lugar/ponto. Agora, equilibre-se num pé só.	
Agora exatamente como se faz com a sintonia fina de um rádio, mova seu olho mental e torno do ponto de orientação e encontre o lugar onde seu corpo fica em equilíbrio perfeito.	
Lembre-se, enquanto seu olho mental está se movendo, você está sem equilíbrio. Por isso, mova seu olho mental só um pouquinho, pare e verifique seu equilíbrio. Você saberá que conseguiu pela sensação que isso provoca.	<i>“Olhe para aquela moeda que eu joguei no chão e se equilibre num pé só.”</i> <i>Nota: Este processo leva o tempo que for necessário. O estudante pode não encontrar a orientação ótima na primeira tentativa.</i>
	<i>Não permita que pare a menos que esteja muito perto de encontrar, ou que já tenha de fato encontrado, o ponto ótimo de orientação.</i>
	<i>Quando a pessoa tiver encontrado a orientação ótima, ou estiver ficando cansada e muito próxima de encontrar o ponto ótimo de orientação, utilize os seguintes passos para encerrar o</i>

	<i>processo.</i>
Segure seu olho mental exatamente onde ele está e coloque seu pé no chão.	
Segure seu olho mental exatamente onde ele está e leve seu(s) (três) ponto(s) para onde seu olho mental está. Você não está movendo o olho mental; você está movendo o ponto de orientação até o olho mental.	
Deixe suas linhas de ancoragem se solidificarem e endurecerem exatamente onde elas estão, da mesma maneira como acontece com o cimento, que solidifica e endurece. Desta forma, seu ponto de orientação estará exatamente onde deve estar e não ficará se movendo para todo lado.	
	<i>Confirme que isto foi feito.</i>

Fonte: Davis, 2004.

8 QUINTA ETAPA: PROCEDIMENTO DE DOMÍNIO DOS SÍMBOLOS BÁSICOS

Após a verificação das habilidades de percepção, orientação e sintonia fina, iniciamos a atividade onde o(a) aluno(a) constrói os símbolos que compõem o Alfabeto da Língua Portuguesa a fim de dominar as palavras-gatilhos que foram identificadas na primeira etapa descrita no capítulo 4 deste guia, que são aquelas em que este tem maior dificuldade de compreensão, e que também são as responsáveis pela sua desorientação.

Tal exercício deverá ser feito com o uso dos seguintes materiais:

- 500g de massa de modelar
- Exemplo de Letras Maiúsculas e minúsculas do alfabeto (ver apêndice)
- Texto de Ciências
- Papel
- Lápis
- Material para limpeza (papel toalha ou lenços umedecidos)

O uso desses materiais será direcionado para a construção das letras que compõem o alfabeto da língua portuguesa. Tal exercício estará completo a partir do momento em que o(a) aluno(a) conseguir recitá-lo de trás pra frente e de frente para trás, com facilidade e velocidade. Para tanto consta como apêndice neste guia o tamanho das letras e seu devido formato a ser apresentado ao aluno nesse processo de construção (DAVIS, 2004).

9 SEXTA ETAPA: APLICAÇÃO DE ATIVIDADE PARA VERIFICAÇÃO DE OCORRÊNCIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Nesta etapa, o aplicador deverá apresentar novamente o texto da primeira etapa e em seguida, uma atividade avaliativa de lápis e papel, deverá ser realizada para observar se houve aprendizagem significativa em relação ao método aplicado, devendo observar se o(a) aluno(a) foi capaz de ler, interpretar e responder as questões que se pede.

Duração prevista das atividades: **Cinco encontros de 60 minutos cada.**

Este exercício foi elaborado para corroborar com o texto trabalhado na primeira etapa.

EXERCÍCIO

Solicite que o(a) aluno(a) responda estas questões:

1) Qual é a definição de osso que aparece no texto?

2) E de esqueleto?

3) Qual é a função do esqueleto?

4) Qual o número de ossos que compõem o corpo humano?

5) Quais são as funções dos ossos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho o que buscamos não são meios de diagnosticar ou patologizar o indivíduo que apresente as características da dislexia, mas analisar sob a ótica acadêmica maneiras diferentes de se trabalhar as dificuldades que comumente afetam centenas de pessoas em seu próprio desenvolvimento e progresso de aprendizagem.

Partimos da ideia de que a busca por conhecimento é uma virtude humana nobre, pois é capaz de usar o diálogo para aliviar o sofrimento humano, seja ele físico e/ou psicológico. E considerando as necessidades humanas como mola propulsora no campo das ciências educacionais, nos debruçamos por aplicar métodos novos e adaptados à realidade daqueles que manifestam interesse em minimizar os impactos que sua dificuldade de aprendizagem pode lhes causar.

Inicialmente, as explicações do que iria acontecer no contato entre pesquisador e aluno e cada etapa, suscitou curiosidade por parte da pesquisadora sobre como a aluna iria responder as mesmas. Pudemos observar que a própria aluna achou interessante as explicações dadas nas etapas 2, 3, 4 e 5, considerando que normalmente elas não são feitas usando o enredo elaborado pelo criador do método aqui estudado, tais observações são computadas como positivas no resultado desta pesquisa.

Na quinta etapa que trata do Domínio dos Símbolos Básico, percebemos que a inclusão de imagens representativas das palavras-gatilho facilitou a aquisição e retenção das preposições (conceitos) das mesmas bem como da atribuição de novos significados pela aluna quando fez uso da massa de modelar, a ausência dessa ferramenta foi vista como uma lacuna que pode ser revisada em pesquisas futuras. Porém mesmo diante desta afirmação, é possível constatar evolução nas respostas tanto de leitura quanto de escrita da aluna, quando comparados os resultados obtidos na primeira etapa e na sexta etapa.

Todos estes aspectos nos levam a conclusão de que o Método Davis junto a Teoria da Aprendizagem Significativa foi capaz de proporcionar resultados significativos na aprendizagem da aluna, podendo ser associado aos conteúdos de ciências, proporcionando uma estrutura operacional para a formulação de sequências didáticas adequadas para as salas de AEE e até mesmo para as salas de aula comuns.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, D. P., NOVAK, J. D. e HANESIAN, H. (1980). **Psicologia educacional**. Tradução de Eva Nick. Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda.
- CAMPOS, D.M. de S. **Psicologia da Aprendizagem**. 41 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COLL, C. MARCHESI, A. PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Traduzido por Fátima Murad. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3v. (Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas).
- COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (Org.). **Psicologia da Educação**. Traduzido por: Crisina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Penso, 2014, v.3. ISBN 978-85-363-0209-6.
- DAVIS, R.D. **O Dom da Dislexia: porque algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender**. (trad.) de Ana Lima e Gracia Badaró Massad- Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- HERMETO, C.M.; MARTINS, A.L. **O Livro da Psicologia**. São Paulo: Globo, 2012.
- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: **DSM-5** / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli...[et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
- MARTINEZ, A.M.; TACCA, M.C.V.R. **Possibilidades de Aprendizagem: Ações Pedagógicas para Alunos com Dificuldades e Deficiência**. Campinas: Editora Alínea, 2011.
- SELIKOWITZ, M. **Dislexia e Outras Dificuldades de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
- SIQUEIRA, C.M.; GURGEL-GIANETTI, J. **Mau Desempenho Escolar: uma visão atual**. Revista Associação Médica Brasileira, 2011; 57(1):78-87.
- SOUZA, I.M.A. de; SOUZA, L.V.A. **O Uso Da Tecnologia Como Facilitadora Da Aprendizagem Do Aluno Na Escola**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8 | jul-dez de 2010.

OBRAS CONSULTADAS

- FURASTÉ, P.A. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicação das Normas da ABNT e VANCOUVER**. 18ª ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2016.

APÊNDICE

A B C D E F G H I
J K L M N P Q R
S T U V W X Y Z

Aqui estão as letras maiúsculas e minúsculas utilizadas para o Domínio dos Símbolos Básicos no Centro Davis de Correção da Dislexia. Elas foram especialmente desenhadas para serem modeladas com massa de modelar. Amplie essa página cerca de 150% numa fotocopadora e corte cada cópia em três tiras. Emende-as para fazer uma longa tira, que se pareça com estas:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

zyxwvutsrqpnmlkjihgfedcba

z y x w v u t s

r q p n m l k j i

h g f e d c b a